



# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	480000
OTTO MESES (até ao fim deste anno) . . . . .	320000
SEMESTRE (26 numeros) . . . . .	250000
NUMERO AVULSO . . . . .	10000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

Escrepção, Rua Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira 1 de Agosto de 1895

N.13

MANOEL VICTORINO

FORMIGAS

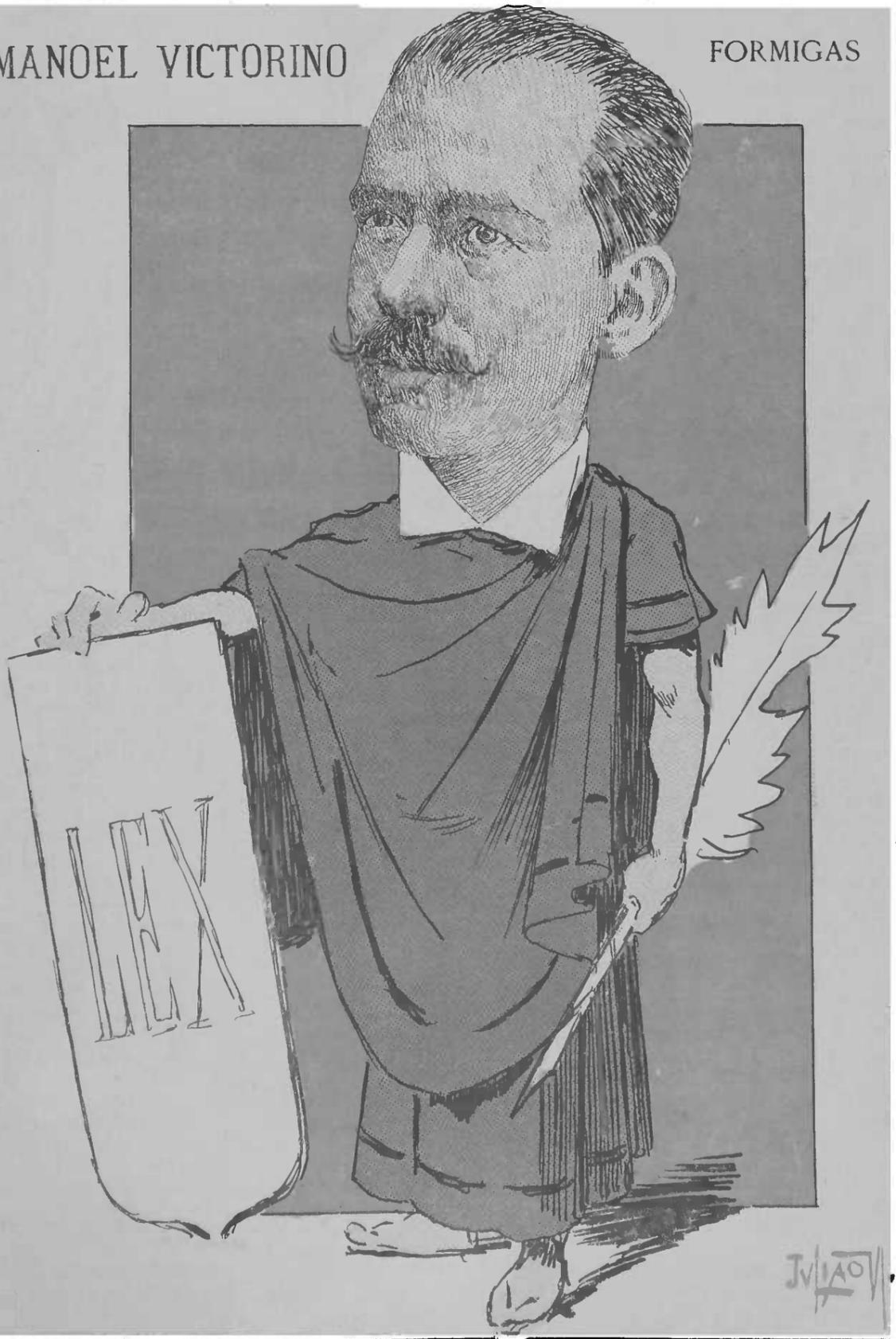
## A CIGARRA

Dando hoje o desenho do lindissimo monumento levantado pelos bahianos ao *Dois de Julho*, damos tambem o retrato do dr. Manoel Victorino Pereira, vice-presidente da Republica, a cuja iniciativa se deve a realisacção da bella idéa.

Meio *cigarra*, meio *formiga*, — cigarra pelo talento, pela educacção litteraria e artistica, pela eloquencia facil e brilhante que lhe assegura um logar notavel entre os nossos melhores oradores; e formiga pelo trabalho, pelas suas qualidades de constructor politico, de administrador sensatissimo, o dr. Manoel Victorino Pereira tinha o seu logar marcado na galeria d'esta folha.

Esta é a melhor occasião de fixar na primeira pagina d'*A Cigarra* a sua physionomia. A inauguração do monumento ao *2 de Julho* veio ainda uma vez pôr em evidencia o seu nome e lembrar o muito que a heroica Bahia deve a esse filho bem amado.

Não nos julgamos obrigados a descrever o monumento de que hoje a cidade de S. Salvador se ufana. Já toda a imprensa se referiu a elle.





Porque é que as semanas não hão de ter a sua côr própria e característica?

O nephelibatismo francez deu côr ás vogaes: o *a* é branco, o *i* é vermelho, etc., etc. Um allemão acaba de dar côr ás notas de musica, construindo um aparelho, que pinta, mas que positivamente *pinta* as partituras.

Pensando bem, acaba a gente reconhecendo que isso é menos paradoxal do que parece. De resto, segundo Nordau, o paradoxo é uma verdade incubada. Ou, fallando mais claro: o paradoxo é um embryão de verdade.

Tenho para mim que as semanas possuem positivamente a sua côr própria. Uma semana santa é roxa; uma semana de carnaval é côr de vinho; uma semana de natal é verde; as quatro semanas de maio são azues, com ramagens de ouro, como o manto de Nossa Senhora....

\*\*\*

Toda a semana passada foi verde e amarella como a nossa bandeira: e esta semana que corre vae pelo mesmo caminho, molhando-se nas mesmas tintas.

Nós só julgamos a vida pela impressão que os acontecimentos fazem em nossa alma: o patriotismo fez com que estes ultimos dias corresse aos nossos olhos, com uma côr auriverde.

Tivemos primeiro o emprestimo de 6.000.000 de libras. A influencia das grandes sommas é tal, tão soberano é o prestigio dos milhões, que todos nós estremecemos de alegria, quando soubemos que deviamos mais essa maquia gorda aos capitalistas de Londres. Já sabiamos todos que nenhuma d'essas libras viria dar um arzinho de sua graça á praça do Rio de Janeiro. Sabiamos que todas ellas ficariam por lá, bem acondicionadas no seio cauteloso das burras londrinas: as libras teem medo da febre amarella.

Mas, ainda sabendo isso, exultámos. Sabiamos mais e sabemos que quanto mais emprestimos se fazem, mais cara fica a vida, mais impostos paga quem trabalha; mas, continuamos a exultar. O ouro inglez, com o seu amarellô fulvo, casa-se tão bem ao opulento verde da nossa natureza!

\*\*\*

Depois, passada essa primeira explosão de alegria auriverde, tivemos outra.

E essa outra foram ainda os nossos amigos inglezes que nos a deram, dando-nos o caso da occupação da Trindade. Nós todos, alarmados pelo perigo, procurámos-nos, atravez das nossas dissensões, dos nossos odios, e achámos-nos, e reconhecemos-nos, e unimos-nos. E aquella bandeira brasileira que andou pelas ruas á frente de bandos populares, deu-nos bem a côr d'estes dias felizes, de revivescencia patriótica, de primavera nativista.

Mas, todos esses successos são da competencia do meu visinho *L. F.*: não preciso da politica, para provar que a semana passada teve e que a semana presente tem as cores nacionaes.

\*\*\*

Basta fallar do centenario de Basilio da Gama. Não sei se o festejarão dignamente. Receio mesmo que versos de pé quebrado e periodos de syntaxe despenteada profanem a doce commemoração do cantor do *Uruguay*.

Que importa? Nós já não estamos em 1830. Não podemos crêr com o assombroso romantico da *Mademoiselle de Ma-pin*, que uma rima pobre seja mais feia que um vicio contra a natureza. Não é preciso que a mocidade festeje Basilio da Gama com estylo: basta que o festeje com entusiasmo.

Os grandes poetas do Brasil são esquecidos, com um desamor que dóe.

Apanhem-me ahi um moço, ao acaso. Affirmo que esse moço conhece mais intimamente as *Flores do mal* de Baudelaire que o *Ijuca Pirama* do nosso divino Gonçalves Dias.

Gonçalves Dias, que é o primeiro poeta brasileiro, é o menos conhecido e o menos amado. Quem o conhece bem, conhece-o pelos seus *Cantos*: quasi ninguem lê os seus dramas. Ainda ha poucos dias, conversava eu com um homem de letras, a proposito do *Theatro Nacional* do actor Martins. Fallavamos da peça com que a companhia pretende estreiar. E, como eu lembrasse que se devia representar um drama de Gonçalves Dias, o homem de letras abriu os olhos com espanto:

— Que drama, homem? Gonçalves Dias escreveu algum drama?

Basilio da Gama é outro desconhecido. Ninguem o lê. O sr. Guerra Junqueiro, com as suas frandulagens espaventosas, é ainda o poeta popular do Brasil.

Venha, portanto, a commemoração do poeta do *Uruguay*, com estylo ou sem estylo, com versos certos ou versos errados, com o estro de fogo de Murat ou o estro de manteiga do dr. Bomsuccesso, com os periodos de marmore de Machado de Assis ou os periodos de pinho bichado de... Basta! não quero desgostar ninguem. O que quero é que se festeje Basilio.

\*\*\*

Para não sahir do terreno litterario, quero tambem fallar de Aluizio Azevedo. O seu concurso para consul do Brasil veio accentuar aos meus olhos a côr patriótica da semana. Mallet, que amava Aluizio, como um irmão mais moço pôde amar um irmão mais velho, disse-me um dia, pouco antes de morrer: «Tenho tão pouca confiança n'esta gente e n'esta terra, que já sei que Aluizio nunca será aproveitado por governo nenhum; saber escrever n'esta terra é uma mácula original de que a gente nunca mais se livra: não ha benzina que a tire.»

Em outro qualquer paiz, quem se chamasse Aluizio Azevedo, e tivesse escripto a *Casa de Pensão*, *O Mulato*, *O Homem*, *O Cortiço*, *O livro de uma Sogra* (oh! Magalhães! vem esse livro ou não vem?) *Os Mystérios da Tijuca*, *A Philomena Borges*, *Os Demonios*, e outros tantos livros em que o illustre moço tem gasto a mocidade e a saude para honrar o Brasil,—quem tivesse na sua fé de officio tantos titulos de recommendação á gratidão e ao amor de seus compatriotas, não careceria de fazer concurso para mostrar o que sabe...

Mas, emfim, foi preciso fazer concurso, e elle o fez, brilhantissimo. Resta agora que a sua nomeação venha. O illustre ministro das Relações Exteriores, que é um homem de letras, e que acaba agora mesmo de firmar a reputação do seu talento e do seu patriotismo com a luminosissima discussão do caso da Trindade, lembrar-se-á de que ninguem com mais honra para todos nós é capaz de representar em qualquer parte o nome brasileiro,—do que este trabalhador infatigavel, cujo talento tem o esplendor do nosso céu e a fecundidade sagrada e perpetua do nosso sólo.

Fantasio.

## REPORTAGEM LITTERARIA

Está prompto a ser brochado o volume da *Miragem*, romance de Coelho Netto, que o infatigavel editor Domingos Magalhães exporá a venda no começo do mez de Agosto. *Miragem* é talvez a obra mais completa, como observação e como estylo, que o fecundo escriptor tem produzido.

## A EXPULSÃO DO PARAI... PERDÃO! DO ITAMARATY



— "Ananjaras notícias com o suor do teu rosto!"

## REPORTAGEM FLUMINENSE

Decididamente teria muito que contar o reporter que se encarregasse de espionar exclusivamente o nosso mundo elegante.

Uma d'estas noites, tive a fortuna de observar o que se pôde imaginar de mais fantastico: uma comedia de sombras. Scenario: um bairro fidalgo; uma casa nobre; á frente do jardim, sobre a rua, um kiosque pequeno, claro, sobre tufos de jasmineiros, abrindo entre as folhas verdes a irradiação de uma lampada chinesa.

Onze horas de uma noite escura, de estrellas rarissimas sob a nevoa cerrada. Pela rua passava eu, mãos ás costas, charuto á bocca, philosophando. Parei, de subito, ouvindo o rumor de um beijo, vindo do kiosque.— Ah! eu conheço ás leguas o rumor de beijo!...

Partia do kiosque... era um beijo longo, demorado, lentamente chuchurreado, vagarosamente sorvido. Quiz ver... tão alto!— mas sobre o paredão de uma casa fronteira a lampada chinesa atirava indiscretamente duas sombras confundidas.

Duas. A principio, immoveis. Depois, desprenderam-se. A da esquerda começou a dar de braços. Braço para aqui, braço para alli, levantado para o céu, abaixado para o chão, puchado para o peito. Immoavel a outra.

Mais braços na primeira,— braços multiplicados, rapidos, delirantes, protestando, jurando, supplicando, pedindo. E a outra quieta.

Mais braços na primeira, desesperados agora. Finalmente! — a cabeça da outra inclina-se, medrosamente: — *sim!* Some-se a primeira.

Fica a outra sosinha, quieta a principio, agitada depois, tremula, dansando na parede, nervosa agora, agora extatica, — bocca entreaberta, seio subindo e descendo, frouxa, desfallecida....

E quando a primeira, erguida de todo, subiu victoriosamente pela parede, com um tremor de triumpho no contorno, — a segunda sombra tinha as mãos colladas á face, n'um recolhimento arrependido....

X.



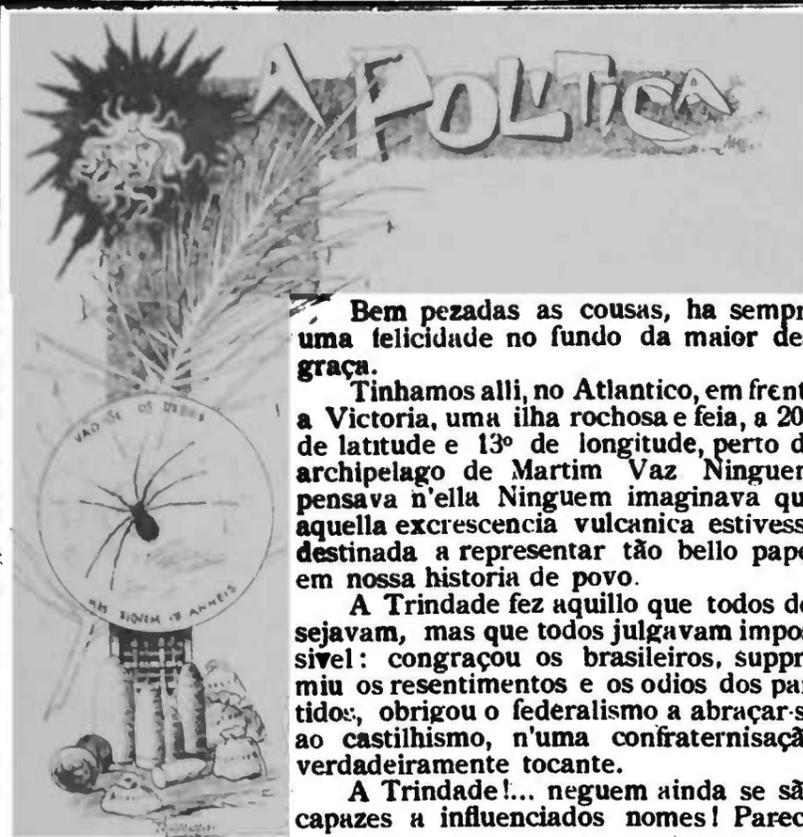
Os editores Cunha & Irmão trataram com o nosso grande Luiz Murat a edição do segundo volume das suas *Ondas*.— Essa opulenta colleção de versos será luxuosamente impressa em Portugal.

# O MONUMENTO 2 DE JULHO NA BAHIA





**NÃO PODE !... NÃO PODE !...**



Bem pezadas as cousas, ha sempre uma felicidade no fundo da maior desgraça.

Tinhamos alli, no Atlantico, em frente a Victoria, uma ilha rochosa e feia, a 20º de latitude e 13º de longitude, perto do archipelago de Martim Vaz Ninguem pensava n'ella Ninguem imaginava que aquella excrescencia vulcanica estivesse destinada a representar tão bello papel em nossa historia de povo.

A Trindade fez aquillo que todos desejavam, mas que todos julgavam impossivel: congraçou os brasileiros, supprimiu os resentimentos e os odios dos partidos, obrigou o federalismo a abraçar-se ao castilhismo, n'uma confraternisação verdadeiramente tocante.

A Trindade!... neguem ainda se são capazes a influenciados nomes! Parece que esse nome catholico, esse nome do mysterio basico da nossa religião, já predestinava a ilha feia e miseravel a esse doce e glorioso papel de congraçadora dos brasileiros.

X

Na quinta-feira passada, viram os meus olhos e ouviram os meus ouvidos uma cousa estu, enda.

A rua do Ouvidor vozeava, agitava-se, sacudida de clamores patrioticos. A alma nacional espanejava-se ao sol, vibrante e colerica.

Já era tempo tambem! A pobre alma nacional precisava bastante d'esse banno de ar e de sol: esteve tanto tempo escondida, minada pelo môtio!...

Mas, não é isso a cousa estupenda a que me quero referir. Retro-me a isto: chegando á rua do Ouvidor, vi a uma das janellas da *Cidade do Rio José do Patrocinio*, e ouvi o povo em baixo, a acclamar-o, a victorial-o. O tribuno da abolição tinha as mãos tremulas e o olhar molhado de lagrimas. A sua voz sahia a custo da garganta, apertada de commoção, enfraquecida pelo enternecimento.

Ah! quanto tempo passou o glorioso José afastado da popularidade! E com que estrepito atordoante, com que inesperado e embriagador arruido, com que ensurdecedor alarido de victoria, deve ter soado aos seus ouvidos,— já tão esquecidos das acclamações publicas,—aquelle *Viva José do Patrocinio*, que as massas tinham desaprendido de 15 de novembro para cá!...

E dizer que, ainda não ha um mez, aquellas mesmas massas pediam a cabeça do José, com a mesma anciedade com que um viajante esfomeado pede um beef com batatas!

Oh! ineffavel! ó sagrada! ó providencial! ó abençoada influencia da ilha da Trindade! Bastou que os inglezes fizessem mão baixa sobre aquellas rochas calvas e estereis, para que as paixões partidarias serenassem, para que os odios se acalmassem, e para que brasileiros, capazes de na vespera se entredevorarem ás dentadas, se abraçassem e se beijassem agora!

Decididamente, bem pezadas as cousas, ha sempre uma felicidade no fundo da maior desgraça. Devemos a Jonh Bull este inestimavel favor,— muito mais valioso que o favor dos seus emprestimos de milhões de libras!

X

Quem não deve estar satisfeito com os *meetings* é o proprietario do Café de Londres. Como são grandes a inconstancia e a contradictoria paixão das massas! Hontem queriam quebrar a cabeça do José, agora quebram os vidros de um café!

Pouco importa! Bem sei que houve aqui e em S. Paulo excessos,— de rhetorica e de chauvinismo. Mas sei tambem que esses excessos foram naturais. A intenção salva tudo.

Confesso mesmo que, se tivesse havido, não só vidros, mas algumas pernas e algumas caras quebradas, eu daria por bem empregadas essas fracturas: tamanha foi a alegria que me alagou a alma, vendo o meu povo cariôca, a minha gente bem amada,— não mais entregue a arruaças jacobinas, mas a protestos patrioticos que affirmam o nosso caracter, demonstram a nossa força, defendem a nossa propriedade, afervoram o nosso brasileirismo, e apuram a nossa altivez! Bravo, minha gente cariôca!

X

Jonh Bull pensava que podia á vontade dansar em terra nossa, com um grande dispendio de patas ferradas, a giga da depredação, o *solo ingles* da pirataria. Enganou-se. O amigo Phipps viu as cousas feias. O nosso illustre Carlos de Carvalho disse-lhe as verdades crúas e claras, e provou-lhe que aqui se conhece historia e se sabe o que é ter honra. Que a lição aproveite ao avido Jonh Bull!



Está na terra Silva Pereira, o venerando. Ha cem annos que o Rio de Janeiro está habituado a receber periodicamente a visita do seu sympathico Silva Pereira. E cada vez o Rio gosta mais d'elle. Venha de lá esse abraço!

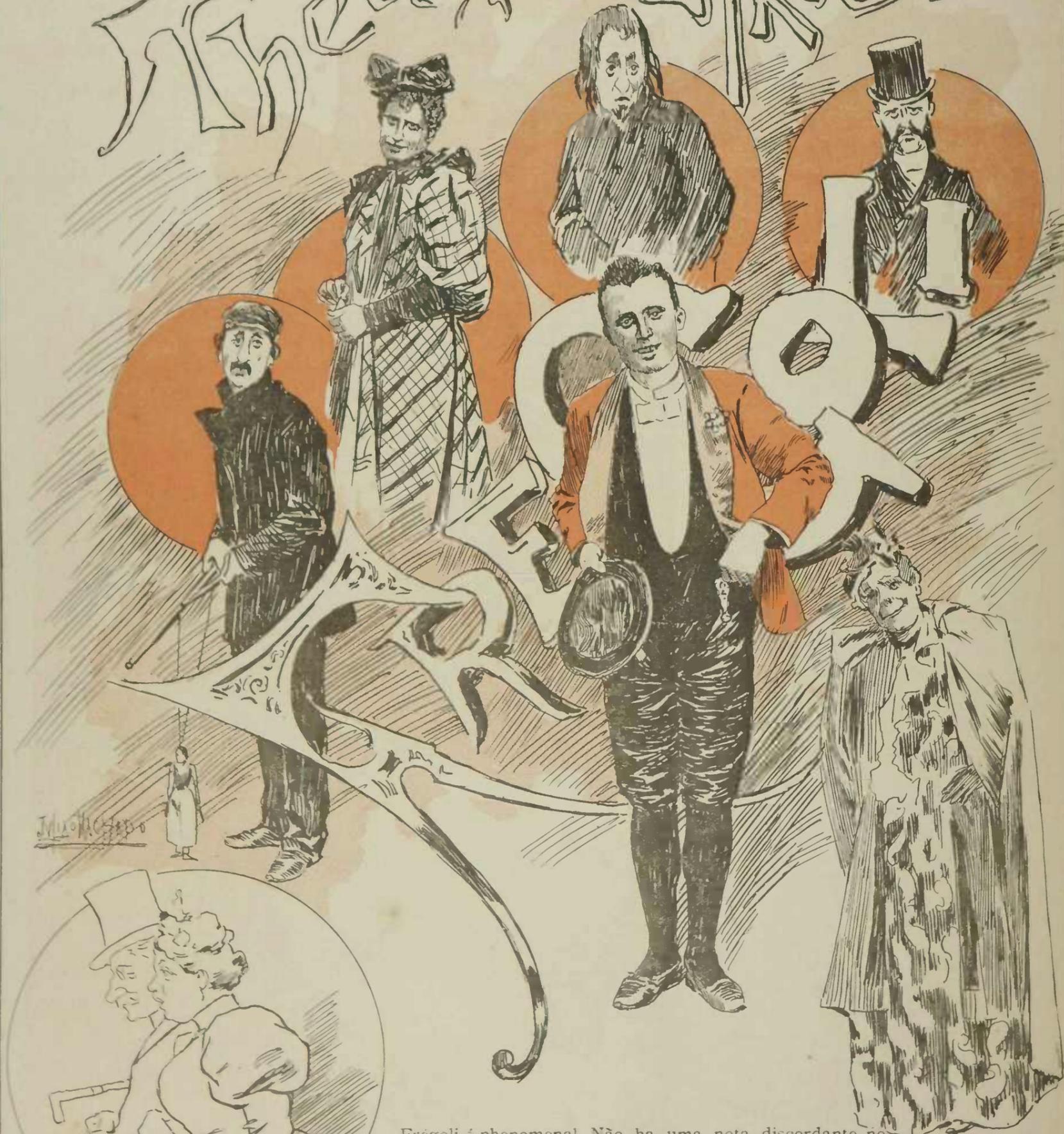
A festa do José Ricardo, no *Apollo*, com os *Sinos de Corneville*, foi um verdadeiro triumpho para o actor comico portuguez, que é um dos melhores que têm pisado os palcos fluminenses. A. d'O *Paiz*, não exagerou quando equalou o desempenho que José Ricardo deu ao difficillimo papel de *Gaspar*, ao que lhe dava o nosso saudoso Guilherme de Aguiar. O publico applaudiu delirantemente José Ricardo. Realmente, é difficil, senão impossivel, incarnar aquelle admiravel personagem com mais simplicidade, mais verdade, mais arte.

A *Cigarra* felicita e abraça o grande actor.

Buck.



# Theatro Lyrico



Julio de Mesquita

-CREDO! ATE PARECE BRUXARIA!

Frégoli é phenomenal. Não ha uma nota discordante no côro de louvores com que a imprensa fluminense recebeu o estupendo artista excentrico.

Por mim, confesso que Frégoli me diverte mais do que o Burro do sr. Alcaide. Ao menos, no Lyrico, nas peças em que apparece Frégoli, tudo é Frégoli. Ao passo que no Burro do sr. Alcaide, peça em que entra tanta cousa, não digo que tudo seja burro, mas digo que tudo é alcaide.